

Regiane Santos Flauzino de Oliveira

Universidade de São Paulo



Doutoranda em Psicologia Social e do Trabalho no IPUSP. Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade na Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI (2013-2015). Pós-Graduação em Qualidade e Produtividade pela UNIFEI (2012) e em Docência para o Ensino Profissional - Faculdade SENAC (2012). Graduação em Administração de Empresas - UNIFEI (2000-2005).

CV: <http://lattes.cnpq.br/5414991113254890>

E-MAIL: regiane_flauzino@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3281-4362>

A morada do ser: reflexões sobre a casa e o lugar

RESUMO: A casa e o lugar são refletidos neste texto, referente à epistemologia, sob uma abordagem compreensiva. A casa evoca o si mesmo a partir de sua natureza memorativa, recordando ao sujeito sua onticidade, os fatos biográficos e para além, desvela os aspectos ontológicos do habitar e do pertencer ao mundo. A casa é o lugar do repouso, pois condensa uma história e remodela a conduta pela narratividade. O repouso diz respeito ao excedente de sentido que o lugar comunica ao sujeito. Esse vértice ontológico é observado a partir de trechos da obra de Ítalo Calvino, em *Cidades Invisíveis* e uma reflexão de Walter Melo sobre a casa de infância de Nise da Silveira. Sob a guisa do tempo, a casa conserva valores, oferecendo ao sujeito, pela lembrança, um momento único, singu-

lar, condensando o passado e pacificando o presente.

PALAVRAS-CHAVE: CASA, LUGAR, ONTOLOGIA.

The inhabitation of the Being:
reflections on the home and the
place

ABSTRACT: The home and the place are reflected in this text, as far as epistemology is concerned, in a comprehensive approach. The home evokes the self from its memorial nature, remembering the subject of its onticity, the biographical facts; and beyond, it reveals the ontological aspects of inhabiting and belonging to the world. The home is the place of rest, as it condenses a story and reshapes the conduct by narrativity. Rest is about the surplus of meaning, which the place communicates to the subject. This ontological vertex is observed from excerpts from the work of Ítalo Calvino, in *Invisible Cities* and a reflection by Walter Melo on the childhood home of Nise da Silveira. Under the guise of time, the home preserves values, offering the subject, by re

membrane, a unique, singular moment, condensing the past and pacifying the present.

KEYWORDS: HOME, PLACE, ONTOLOGY.

A morada do ser: reflexões sobre a casa e o lugar

Regiane Santos Flauzino de Oliveira
Universidade de São Paulo

“Eu digo: Mãe. Mas é em ti que penso, ó Casa.”
(Milosz, 1929 citado por Bachelard, 1958/1978, p.227)

“Quem comanda a narração não é a voz, é o ouvido”¹. Certamente a categoria da escuta a que se refere Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis* (1972/2002) diz respeito às categorias do ser e do pertencer. A escuta identifica os errantes à sua terra prometida – “a Casa” – e descrevê-la significa definir o lugar. O lugar, neste sentido, oferece ao sujeito um trabalho de pensamento como configuração de uma narrativa aos moldes do que se refere Ricoeur (1997), encerrando numa *refiguração*² da experiência temporal. Nesta acepção, o lugar resolve o repouso; lá cessam as perguntas, pois o lugar é composto de respostas. Isto porque o lugar guarda uma narrativa. As respostas se referem à experiência temporal e, conforme Ricoeur (1997, p.8), são “aspectos implicitamente temporais da remodelação da

1 Calvino (1972/2002, p. 9).

2 Grifo do autor.

conduta pela narratividade”. Por essa razão, o lugar, enquanto morada do ser, justifica-se quando refletido a partir da remodelação da conduta. A remodelação se dá a partir do encontro feito à luz das experiências, em que, descreve Ricoeur (1997, p.8), é “tematizado o tempo enquanto tal”. Neste sentido, o encontro é compreendido pela experiência temporal que ocorre na conjugação de historiografia, narratologia e a fenomenologia da consciência do tempo, utilizando expressões de Ricoeur (1997). Desta forma, a reflexão sobre o lugar como morada do ser se aproxima da temática da errância, definida como “à procura de caminhos”. “A essência da casa, do caminho, da água; o que eles buscam? É a casa ou é o lar?”. Neste trecho, Tassara (2015), referindo-se aos fluxos migratórios da contemporaneidade, lança sobre a temática da errância, a reflexão sobre a busca de um auto-reconhecimento; de uma recuperação do lugar. E o que é o lugar? O lugar se relaciona à pertença, que é o reconhecimento de si mesmo metamorfoseado em um espaço. Quando tocado pelos sentidos, reconfigura uma história; acessado pela poética, tonifica a alma, conforme expressa Wunenburger (2015, p.27): “o devaneio poético sobre as matérias confirmam o valor inato que Gaston Bachelard acorda à força da alma e à vontade”. O lugar carrega uma narrativa que é ativada pela lembrança, trazendo à consciência um “momento único, singular, não repetido, irreversível da vida³” (Bosi, 2007, p.49). A casa é um lugar, e, enquanto edificação de pedras, tem essa propriedade cognitiva. Ela narra de forma particular ao sujeito, sussurrando a ele algo que só ela poderia contar; daí seu caráter único e exclusivo. É sobre a casa

3 Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade: Lembranças de velhos* (2007), refere-se à imagem-lembrança, não de caráter mecânico, mas evocativo do seu aparecimento por via da memória. “A imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia. A memória-hábito parece fazer um só com a percepção do presente” (Bosi, 2007, p.49).

que repousam valores condensados que só são acessados por meio do encontro. Este encontro é próprio do fenômeno⁴ que aparece e narra. O fenômeno acessa a imagem-lembrança e desvela os sentidos que ela contém. O que entendemos como valores e sentido são próprios do que define Bosi (2007) como uma substância memorativa no fluxo do tempo; história densa que aparece com clareza nas biografias da mesma forma como nas paisagens, na qual há marcos no espaço onde os valores se adensam. Estes valores estão conservados em um espaço como na cidade de Zaíra:

Ela não conta seu passado; ela o contém como as linhas da mão, escritos nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada seguimento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (Calvino, 1972/2002, p.7).

O lugar contém uma narrativa, ainda que suas pedras fossem propositalmente dispostas, e parecessem amorfas ao passante, como a cidade de Tâmara:

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tâmara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e as suas partes (Calvino, 1972/2002, p.8-9).

Seus símbolos assustam o transeunte, mas para aquele familiarizado, suas ruelas, signos e placas, por vezes esfareladas na ferrugem,

4 Fenômeno significa “aquilo que se mostra, não somente que aparece ou parece”. A fenomenologia é uma reflexão sobre aquilo que se mostra (Bello, 2006, p. 17).

comunicam alguma trajetória, seja ela assombrosa e aterrorizante, um triunfo ou uma conversa marcante com um amigo. O lugar marca, portanto, uma relação entre percepção e memória. Recordar-se aqui o cuidado de Bergson, que se ocupa em entender as relações entre a conservação do passado, a sua articulação com o presente, e a confluência de memória e percepção como explica Bosi (2007). Por essa razão, quando desfeitas as pedras, logo se interpõe uma “interrogação⁵”. As alterações no espaço vivido podem incorrer em alargamentos paralisantes, estreitamentos angustiantes, perda de perspectiva, subversões da ordem, como afirma Melo (2007), a respeito dos aspectos psicológicos inerentes a essas mudanças. No entanto, ao pensar no espaço de forma estritamente geográfica, a resposta às indagações apresenta-se simplificada: a rua, a casa e a cidade serão as mesmas para todos (Melo, 2007). De tal modo, refletir a casa como o Lugar significa, utilizando a metáfora, olhar o avesso do desenho; a “matriz genuína de expressão da sensibilidade”, como escreve Serrão (2014, p.16) a respeito da estética na contemporaneidade que se encontra “limitada à objetividade do Belo”.

Sob a interpretação do aspecto natural humanizado, bem como do sócio-cultural, é possível refletir como os ambientes diversos – incluindo as cidades – tem influência, seja positiva ou negativa, na naturalidade do aspecto humano no que se refere à corporalidade e sensorialidade pelas ações e movimentos (Serrão, 2014). Referente ao que é sensível, o lugar, enquanto natureza e natureza como casa, para além da propriedade cognitiva, resolve o mistério. O mistério não pode ser acessado. E ainda sendo incógnito, ele é resposta, pois é composto de um horizonte capaz de sossegar o ser. Assim, um deserto fatigante pode se constituir de beleza, pois ele resolve o

5 Conforme corrobora Melo (2007, p.102): “Os espaços do mundo externo e do interno sofrem alterações que, se forem levadas em consideração, criam inúmeras interrogações”.

mistério para o transeunte. Desta forma, a beleza nega as funções estéticas fundadas em uma calologia⁶ para calar no mistério.

Tradicionalmente, na história do pensamento humano, tem-se abordado a questão do posicionamento do ser humano frente à realidade sob três perspectivas fundamentais: a Verdade, a Beleza e o Bem. Pela Verdade, o real apresenta-se no seu anseio de conhecer; no registro daquilo que é; a partir da sensibilidade do ser humano, apresenta-se como Beleza e ainda se abre ao ser humano frente ao seu querer, como um Bem. Esses três aspectos que foram tratados na história do pensamento humano sobre inúmeros vértices e perspectivas falam então da própria condição humana frente ao real (Safrá, 2006).

A Beleza aparece ao ser humano por meio de fenômenos estéticos (Safrá, 2006). No entanto, a experiência da Beleza não se constitui uma “tábua rasa”, utilizando de metáfora; antes, porém, é uma confluência entre Verdade e o Bem, o que constitui sua profundidade. Assim, aborda-se o lugar sob uma visão integral, tal qual Serrão (2014) reflete a ideia de Natureza considerando a paisagem como uma unidade integrada aos espaços do habitar. Pode-se dessa forma conciliar o fundamento natural com atividades constitutivamente humanas, tal como a História e a Cultura (Serrão, 2014). Desta forma, os ambientes são vividos por meio das modalidades de gosto, gesto e memória de cada cultura e moldados por atos constantes e respostas, tanto físico-culturais quanto sociais (Serrão, 2014). Todas essas modalidades, gosto, gesto e memória, estão

6 Para Serrão (2014), esta visão se esquia de encarar com profundidade a ideia de Natureza, fundamentada em uma visão integral do mundo: “Mas a estética está bem mais próxima de uma calologia que acaba por tornar redundante o apelo da individualidade do observador” (Serrão, 2014, p.19).

alicerçadas na dimensão da Verdade, da Beleza e do Bem, questões que atravessam o ser humano e que permitem abduzir um caráter recíproco entre ética e estética.

Sendo o ambiente tanto o que envolve o homem quanto os lugares em que este habita – decorrente da matriz arquitetônica que Berleant substitui à pictórica – não é alternativa, mas a reciprocidade que pode fundar tanto a ética quanto a estética (Serrão, 2014, p.20).

Para Serrão (2014), a estética da continuidade defendida por Berleant é uma nova *episteme*⁷, pois dispõe o ser humano em uma nova situação: “o ambiente não só designa o que nos envolve (exteriormente), mas também o que nos penetra e modela (interiormente)” (Serrão, 2014, p.20). Neste ponto, recorda-se a dimensão do pensamento, da sensibilidade e da vontade, pelos quais o real toca o ser humano. Tomando assim uma visão integralizada do aspecto humano, é possível refleti-lo pela perspectiva da sensibilidade do ser *no* e *com* o lugar, tal como no capítulo “As cidades e o desejo” em Calvino (1972/2002), que descreve diferentes sensibilidades, a do camaleiro e a do marinheiro, ao avistar a cidade chamada Despina:

O camaleiro que vê despontar no horizonte do planalto os pináculos do arranha-céu, antena de radar, o sobressalto das birutas brancas e vermelhas, a fumaça das chaminés, imagina um navio a vapor com a caldeira que vibra na carena de ferro e imagina todos os portos, as mercadorias ultramarinas que os guindastes descarregam nos cais, as tabernas em que as tripulações de diferentes

7 Grifo da autora.

bandeiras quebram garrafas na cabeça umas das outras, as janelas térreas iluminadas, cada uma com uma mulher que se penteia. Na neblina costeira, o marinheiro distingue a fora da corcunda de um camelo, de uma sela bordada de franjas refulgentes entre duas corcundas malhadas que avançam balançando; sabe que é uma cidade, mas a imagina como um camelo de cuja albarda pendem odres e alforjes de fruta cristalizada; vinho de tâmaras, folhas de tabaco, e vê-se ao comando de uma longa caravana que o afasta do deserto do mar rumo a um oásis de água doce à sombra cerrada das palmeiras, rumo a palácios de espessas paredes caiadas, de pátios azulejados onde as bailarinas dançam descalças e movem os braços para dentro e para fora do véu (Calvino, 1972/2002, p.10).

Para falar da sensibilidade do transeunte sobre a cidade, é necessária uma visão compreensiva. Assim, com Serrão (2014), integração e reversibilidade fundamentam esta visão compreensiva, da mesma forma que uma ética valorativa conscienciosa, de que o homem é feito pelos ambientes. Serrão (2014) refere-se ao ambiente como espaço de habitação.

“Será que todos aqueles que circulam pela rua de Boa Vista passam pela mesma rua? Quantas casas foram habitadas nas três casas de infância de Nise da Silveira⁸? Quantas cidades existem na cidade de Maceió?” (Melo, 2007, p.102).

É por meio de uma via sensível que o passante transita o espaço ou nele reside, cada qual de forma diversificada. Nesse sentido, Leitão (2014) assinala a ênfase cultural de Hall e Michel de Certeau a

8 Nise da Silveira é um expoente no campo da memória social, e tem contribuições originais no campo da saúde mental no Brasil (Melo, 2007).

respeito do espaço habitado e a difícil definição do espaço, considerando ele próprio marcado pela experiência pessoal e intransferível. Assim expressa Hall (1966) citado por Leitão (2014), afirmando que,

para os alemães, o espaço edificado é um prolongamento de si mesmos, o que estabelece a importância deste espaço construído. Já os ingleses não têm suas relações sociais fundamentadas nas estruturas sociais, mas no estatuto social; Os franceses tem sua singularidade espacial expressa na maneira como utilizam as edificações de uso coletivo. O ambiente da casa é reservado aos familiares; ser convidado é distinção de poucos (Hall, 1966 citado por Leitão, 2014).

Ao contrário, na casa de Nise da Silveira, sempre aberta para os não-familiares, recebia-se amigos e convidados que se refrescavam na brisa da tarde e que na hora das refeições eram servidos fartamente. O ambiente dotado de acolhimento era o lugar em que os pais de Nise da Silveira recebiam artistas que se apresentavam à plateia alagoana, bem como os intelectuais passantes (Sant’Ana, 2001 citado por Melo, 2007). “É a sensibilidade que abre os olhos do pensamento, que lhe pede uma atenção ao mundo, uma atenção aos seus acontecimentos” (Feuerbach, 1843/2005, p.16). O lugar, enquanto morada do ser, compreende um *existir com*, utilizando neste caso a expressão de Feuerbach (1843/2005, p.16): “existir é um coexistir”. A coexistência expressa está relacionada com a duplicidade subjetiva e objetiva próprias da dinâmica da vida, humana e natural (Feuerbach, 1843/2005). Assim, entende-se neste caso a confluência do aspecto subjetivo como matéria da sensibilidade presente especialmente na busca da tríade supracitada que atravessa o aspecto humano: a Verdade, o Belo e o Bem, que permeiam as

atividades humanas por excelência no lugar de habitação. Por essa razão, o lugar de habitação se justifica ainda como morada do ser, no sentido do encontro com o si mesmo. Tomando como exemplo as características principais da casa de infância de Nise da Silveira, elas se constituíram como um ponto de encontro para o estímulo da produção cultural, estendendo-se ainda para a casa em que Nise, em idade adulta, se mudou com o marido para o Rio de Janeiro (Moreira, 2001 citado por Melo, 2007).

Essa casa se mostrava como um lugar ameno, com fartura de alimentos, de alegria, de respeito e de afeto, tornando-se, anos mais tarde, para a idosa Nise da Silveira, numa casa onírica, misto de imaginação e memória (...) (Melo, 2007, p.102).

A casa de infância é um reservatório de imagens que condensam um passado e podem pacificar o presente, tonificando a alma para seguir sua trajetória ao tom de uma descoberta. A descoberta é resultado da imaginação poética que, para além de uma “vetorização do sujeito”, utilizando a expressão de Wunenburger (2015, p.27), é “portadora de um devir de si, de um apelo à mudança, de uma orientação em direção a um mais-ser ou um super-ser”. De tal modo, Nise da Silveira descobria o lugar pela imaginação poética:

A menina se admirava, pois não fazia diferença entre espaço geográfico e espaço poético. Dessa maneira, o pensamento tende para a concretude e cria, paradoxalmente, uma cena de pura imaginação: uma cortina imensa que cobre toda a América. Neste caso, tratar-se-ia realmente de um ato de descoberta, pois as terras estavam escondidas. Mas como não enxergar tamanha cortina? (Melo, 2007, p.103).

Descortinados pelos sentidos, cada qual, ouve a narrativa do lugar. No entanto, “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve” (Calvino, 1972/2002, p.59), pois o lugar é feito do desejo e da memória.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. (1978). A poética do espaço. In: G. Bachelard, *Os Pensadores* (J. A. M. Pessanha, org., J. J. M. Ramos et al., trad.). São Paulo, SP: Abril Cultural. (Trabalho original publicado em 1958. Título original: *La poétique de l'espace*).
- BELLO, A. A. (2006). Introdução à Fenomenologia (J. T. Garcia, M. Mahfoud, trad.). Bauru, SP: EDUSC.
- BOSI, E. (2007). Memória e sociedade: Lembrança de velhos (14a ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- CALVINO, I. (2002). As Cidades Invisíveis (2a ed., D. Mainardi, trad.,). São Paulo, SP: Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1972. Título original: *Le città invisibili*).
- FEUERBACH, L. (2005). Teses provisórias para a reforma da filosofia. In: L. FEUERBACH, *Filosofia da Sensibilidade*. Escritos (1839-1846) (A. V. SERRÃO, trad.). Lisboa, Portugal: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Trabalho original publicado em 1843. Título original: *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie*).
- LEITÃO, L. (2014). Onde coisas e homens se encontram: Cidade, arquitetura e subjetividade. São Paulo, SP: Editora Annablume.
- MELO, V. (2007). Maceió é uma Cidade Mítica: o Mito da Origem em Nise da Silveira. *Psicologia USP*, 18(1), 101-124. doi: 10.1590/S0103-65642007000100006
- RICOUER, P. (1997). Tempo e Narrativa: Tomo III. Campinas, SP: Papirus Editora.
- SAFRA, G. (2006). A pesquisa em Ciências Humanas: epistemologia e metodologia, aula 1: Os modos de conhecimento do ser humano. In: G. Safra, *A Pesquisa em Ciências Humanas*. DVD. São Paulo, SP: Edições Sobornost.

SERRÃO, A. V. (2014). Paisagem e ambiente: uma distinção conceptual. Enrahonar: Quaderns de Filosofia, 53, 15-28. Recuperado de https://ddd.uab.cat/pub/enrahonar/enrahonar_a2014v53/enrahonar_a2014v53p15.pdf.

TASSARA, E. (2015). Apresentação do trabalho de E. Rabinovich. Os Herdeiros da Colônia Phillipson: Trajetória de uma família de judeus imigrantes no Rio Grande do Sul. Seminário paisagens: casa, caminho e água. Título da conferência: Errantes: em busca de caminhos. Produção: IEA - Instituto de Estudos Avançados da USP. Palestrantes: E. P. Rabinovich, B. Mandelbaum, E. Tassara. Recuperado de <http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=30713>.

WUNENBURGER, J. (2015). Da imaginação material à geopoética em Gaston Bachelard. In: S. M. P. Ribeiro, A. F. Araújo (Orgs.), Paisagem, Imaginário e Narratividade (pp. 17-30). São Paulo, SP: Zagodoni Editora.

Capítulo 24

A morada do ser: reflexões sobre a casa e o lugar
Regiane Santos Flauzino de Oliveira